

## ***Apresentação***

Nesta edição de *O Eixo e a Roda*, apresenta-se ao leitor a primeira parte do dossiê sobre Teatro Brasileiro. Como a chamada atraiu muitos artigos de qualidade, decidiu-se dividir os textos em dois números da revista. Neste primeiro, nos aproximamos da história recente do teatro nacional e do teatro contemporâneo com cinco artigos que denotam a ampla variedade de nossa produção atual.

Este número, no entanto, não poderia deixar de render homenagem ao grande Antonio Candido, inspirador e orientador de gerações comprometidas com os estudos literários no Brasil. Além de ter sido, ao longo de sua vida, a encarnação do intelectual atento ao traçado que conecta a dimensão individual à existência coletiva do ser humano e o modo singular como essa linha sulca a nossa terra e a nossa língua.

Por esse motivo, “Antonio Candido: três textos decisivos”, de Maria Zilda Ferreira Cury, inaugura esta edição. A autora chama a atenção para o compromisso do intelectual com a “ética da ação”, o que implicou na tomada de posição por parte de Antonio Candido em relação aos momentos decisivos no que concerne à formação da literatura brasileira, tanto no sentido do que a constitui quanto na perspectiva do seu caráter formador, não perdendo de vista a formação de um cidadão “que se aproprie dos códigos literários” ampliando, por consequência, a sua leitura do mundo. Nesse artigo, além de retomar “o paradigma da formação” em Candido, a autora revisita de modo crítico três estudos fundamentais de sua obra, a saber, *Dialética da malandragem*, *Literatura e subdesenvolvimento* e *O direito à literatura*.

Na sequência, abrimos o dossiê com dois trabalhos que exploram a dramaturgia de autores com forte olhar para a própria cultura, tendo, contudo, produzido obras intensamente diferentes. Diógenes André Vieira Maciel apresenta a dramaturgia de Lourdes Ramalho, autora radicada em Campina Grande, Paraíba, e ainda pouco conhecida nos meios acadêmicos. O texto traz a trajetória da artista, com foco, em especial, nas suas produções dos anos 1970, quando, por meio do diálogo com a cultura popular e com a plateia de sua cidade, compôs obras de grande modernidade. Rainério dos Santos, por sua vez, investiga as personagens do santista Plínio Marcos e a relação social que elas estabelecem a

partir de vivências violentas, além da representação da marginalidade do *lumpen* na literatura dramática do autor. As experiências de suas personagens, bem como elas próprias, são marcadas por agressões físicas ou psíquicas de ordens diversas, presentes em seu teatro em autonarrações, microrrelatos etc.

Em seguida, dois artigos se aproximam por abordarem o trabalho colaborativo de teatro de grupo de artistas do Sudeste. Martha Ribeiro analisa as peças *Batistério*, de João Cícero, e *O pão e a pedra*, de Sérgio Carvalho, criadas junto com coletivos teatrais e que refletem sobre a combinação entre o dramático, expresso na fábula, e as estruturas performáticas, defendendo a ideia de como o teatro nacional dialoga com as inovações formais sem perder a ligação com o imaginário do público. Em ambas as peças, a intimidade dos artistas com os temas trabalhados é vista como uma forma de composição, que traz um novo tipo de configuração para a cena brasileira. Já Carolina Montebelo Barcelos analisa três peças do grupo carioca Cia. dos Atores: *Conselho de classe*, *Laboratorial* e *Como estou hoje*, que fazem parte de um único projeto, comemorativo do aniversário de 25 anos do grupo, realizado em 2013. À semelhança do que foi analisado por Martha Ribeiro em relação a *Batistério* e *O pão e a pedra*, as três peças investigadas aqui também estabelecem relações muito próximas com a vida dos artistas que as conceberam e foram criadas em trabalhos colaborativos. Carolina Barcelos avalia, além disso, os processos criativos e a relação estabelecida entre o teatro e os elementos performáticos, a dança e o filme.

Por fim, Eduardo Ferraz Felipe analisa as peças *A tragédia latino-americana* e *A comédia latino-americana*, de Fernando Hirsch, reconhecendo e identificando nelas as várias relações que o diretor estabelece com o contexto histórico-político da América Latina com base em referências literárias diversas.

A seção “Varia” traz neste número dois artigos que, embora não sejam especificamente sobre teatro – um deles analisa um romance e o outro, um livro de crônicas – o mencionam enquanto diálogo potencial para a produção dos outros gêneros literários.

Ivete Lara Camargos Walty examina a cena do teatro descrita em *Memórias do cárcere* (1953), de Graciliano Ramos, com base em um repertório teórico-filosófico sobre como a literatura e a palavra têm importância política. Além dessa importância política, o artigo aborda o grotesco de corpos desgastados na obra de Ramos. A análise da cena serve de exemplo para tratar da narrativa do romance.

João Cícero Teixeira Bezerra, por sua vez, aborda a realidade novecentista do Brasil escravocrata por meio de uma leitura do livro *Memórias da Rua do Ouvidor* (1878), de Joaquim Manuel de Macedo.

A obra mostra as contradições de uma nação que anseia por ser liberal e se modernizar, mas com uma cultura cuja premissa é a reificação de seres humanos. O artigo aborda a presença de francesas tanto nas lojas da Rua do Ouvidor como no teatro Alcazar Lírico e o anseio da elite de europeizar aquele trecho central da cidade, buscando tornar a escravidão invisível. Por fim, compara o estilo de Macedo com a obra *O pintor da vida moderna* (1863), de Charles Baudelaire.

Para finalizar, esta edição traz uma resenha de Priscila Saemi Matsunaga do livro *A hora do teatro épico no Brasil*, da professora e pesquisadora Iná Camargo Costa. Marcado por um estudo minucioso e com fortes teses argumentativas, a resenhista nos mostra a importância do livro para uma investigação sobre presença do teatro brechtiano no Brasil, o que permite o teatro moderno ser considerado “em chave épica para além dos recursos estéticos”. Para Matsunaga, é possível destacar uma ideia ordenadora do livro: a passagem do teatro épico, no Brasil, de “força produtiva” a “artigo de consumo”, o que estaria evidenciado nas obras analisadas por Iná Camargo Costa.

Elen de Medeiros  
Larissa Neves  
Ram Mandil